

Itinerâncias paisagísticas como estratégia pedagógica na pós-graduação

Landscape Itinerancies as a pedagogical strategy in graduate education

Altamiro Sergio Mol Bessa^{1*}

¹Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Belo Horizonte, MG, Brasil

COMO CITAR: BESSA, A. S. M. Itinerâncias paisagísticas como estratégia pedagógica na pós-graduação. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 21, e19398, 2026. eISSN: 19825587. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v21i00.1939801>

Resumo

O presente texto configura-se como um relato de experiência de natureza qualitativa, que analisa a disciplina Itinerâncias Paisagísticas: Viagem ao Vale do Jequitinhonha, realizada em 2023 no âmbito do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). A proposta pedagógica fundamentou-se na experiência territorial orientada como estratégia formativa, articulando referenciais da educação experiencial com práticas de ensino desenvolvidas fora do ambiente tradicional de sala de aula. Metodologicamente, o estudo apoia-se em observação participante, registros de campo e sistematização reflexiva das avaliações discentes realizadas ao final da atividade. Os resultados evidenciam ganhos formativos nas dimensões cultural, metodológica e teórica, com destaque para o desenvolvimento da escuta qualificada, da atenção pedagógica e da capacidade de articular teoria e experiência na formação de pesquisadores e docentes. Conclui-se que itinerâncias formativas podem constituir uma estratégia pedagógica relevante no ensino de pós-graduação, especialmente em contextos interdisciplinares.

Palavras-chave: educação superior; pós-graduação; relato de experiência; metodologias ativas; educação experiencial.

Abstract

This paper presents a qualitative experiential report analyzing the course “Landscape Itinerancies: Trip to the Jequitinhonha Valley,” offered in 2023 within the Graduate Program in Architecture and Urbanism at the Federal University of Minas Gerais. The pedagogical proposal was grounded in territorially focused experiential learning as a formative strategy, integrating experiential education frameworks with teaching practices developed outside conventional classroom settings. Methodologically, the study draws on participant observation, field notes, and a reflective systematization of student evaluations collected at the conclusion of the activity. The results indicate formative gains in cultural, methodological, and theoretical dimensions, highlighting the development of qualified listening, pedagogical attentiveness, and the ability to integrate theory with experience in training researchers and future faculty. The study concludes that formative itinerancies can serve as an effective pedagogical strategy in graduate education, particularly in interdisciplinary contexts.

Keywords: higher education; graduate studies; experience report; active learning methodologies; experiential education.

INTRODUÇÃO

As transformações contemporâneas nos processos de formação humana têm colocado em evidência os limites de modelos pedagógicos centrados exclusivamente na transmissão de conteúdos e na abstração conceitual.

Nesse sentido, no ensino superior, e particularmente na pós-graduação, tem-se intensificado o debate em torno da necessidade de práticas educativas capazes de articular conhecimento teórico, experiência vivida e reflexão crítica, de modo a favorecer aprendizagens mais

*Autor correspondente:

altamirobessa@gmail.com

Submetido: Junho 21, 2024

Revisado: Janeiro 09, 2026

Aprovado: Janeiro 09, 2026

Fonte de financiamento: CNPq (405247/2025-7).

Conflitos de interesse: Não há conflitos de interesse.

Aprovação do comitê de ética: Não se aplica.

Disponibilidade de dados: Os dados de pesquisa estão disponíveis somente mediante solicitação.

Trabalho realizado na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, MG, Brasil.



Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>), que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

significativas, contextualizadas e socialmente implicadas (Dewey, 1979; Freire, 1996; Kolb, 1984). Tal perspectiva desloca o foco de modelos transmissivos de ensino para abordagens que reconhecem o estudante como sujeito ativo no processo de construção do conhecimento, valorizando a experiência como dimensão constitutiva da aprendizagem.

Nesse debate, abordagens pedagógicas baseadas na experiência vêm sendo amplamente reconhecidas como estratégias relevantes para o desenvolvimento da autonomia intelectual, da atenção, da sensibilidade ética e da capacidade analítica dos estudantes (Dewey, 1979; Kolb, 1984; Larrosa, 2002). A aprendizagem, nessas perspectivas, não se restringe à aquisição de informações, mas envolve processos de interação, interpretação e ressignificação do vivido, nos quais o sujeito aprende ao agir, refletir sobre a ação e atribuir sentido às experiências que vivencia. Como argumenta Freire (1996), trata-se de uma educação que pressupõe envolvimento, escuta e responsabilidade diante do mundo, superando a dissociação entre saber e experiência.

No campo da Arquitetura e do Urbanismo, o ensino de temáticas complexas — como aquelas relacionadas à paisagem, ao território e às dimensões socioculturais do espaço — evidencia com particular clareza tais desafios pedagógicos. A experiência docente em cursos de graduação e pós-graduação indica que o tratamento exclusivamente teórico dessas questões, restrito ao ambiente tradicional de sala de aula, tende a limitar a compreensão de conceitos que dependem da observação direta, da escuta qualificada, da percepção sensível e do contato com contextos reais (Schön, 2000; Pimenta; Anastasiou, 2014). Essa limitação torna-se ainda mais evidente em um contexto urbano contemporâneo que, frequentemente, oferece poucas oportunidades de experiências sensíveis qualificadas, o que reforça a pertinência de metodologias ativas e experiências formativas situadas como estratégias pedagógicas no ensino superior. Além disso, observa-se que muitos estudantes chegam à universidade com dificuldades de mobilizar a atenção, a imaginação e a escuta, em parte como efeito de processos de formação marcados pela fragmentação do conhecimento e pela rarefação de experiências educativas integradas. Nesse cenário, práticas pedagógicas restritas a visitas técnicas pontuais ou exercícios teóricos mostram-se insuficientes para promover aprendizagens mais profundas e reflexivas, sobretudo na pós-graduação.

Foi diante dessas questões que se concebeu a disciplina Itinerâncias Paisagísticas: Viagem ao Jequitinhonha, ofertada no segundo semestre de 2023 no âmbito de um programa de pós-graduação *stricto sensu* em Arquitetura e Urbanismo da UFMG. A disciplina foi planejada como uma experiência educativa intencional, integrando vivência territorial, reflexão coletiva e fundamentação teórica, com o objetivo de ampliar as possibilidades formativas dos estudantes. A atividade contou com financiamento institucional (Proex/Capes) e foi realizada entre os dias 28 de agosto e 3 de setembro de 2023, com a participação de 3 estudantes de mestrado, 7 de doutorado e 1 em estágio pós-doutoral, além de dois docentes.

A escolha do Vale do Jequitinhonha como contexto da experiência pedagógica decorreu de seu potencial formativo enquanto território marcado por diversidade sociocultural, histórica e ambiental, bem como por conflitos contemporâneos que permitem problematizações relevantes no processo educativo. Mais do que objeto de estudo, o território foi concebido como mediador pedagógico, capaz de suscitar situações de aprendizagem baseadas na observação, na escuta e na reflexão crítica.

O objetivo deste texto é analisar a estruturação pedagógica, a condução metodológica e os resultados formativos da disciplina Itinerâncias Paisagísticas: Viagem ao Jequitinhonha, compreendida como um relato de experiência educativa na pós-graduação. Busca-se refletir sobre a potência da experiência territorial orientada como estratégia de ensino, considerando seus efeitos na formação de pesquisadores e futuros docentes.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-PEDAGÓGICA

A disciplina em discussão foi estruturada a partir de uma concepção de ensino que compreende a aprendizagem como um processo ativo, experiencial e reflexivo, em consonância com abordagens contemporâneas da educação superior e da pós-graduação (Dewey, 1979; Freire, 1996; Kolb, 1984). Tal concepção aproxima-se do entendimento de que aprender implica

envolver-se criticamente com o mundo, articulando ação, reflexão e produção de sentido, superando modelos pedagógicos centrados na transmissão de conteúdos.

Nesse sentido, os referenciais de Georg Simmel, John Dewey e Tim Ingold foram mobilizados como fundamentos teórico-pedagógicos centrais, pois diretamente articulados aos temas da experiência da natureza, paisagem e ambiente. Esses autores foram colocados em diálogo com contribuições do campo da Educação, especialmente aquelas que tratam da experiência como núcleo do processo formativo no ensino superior (Freire, 1996; Kolb, 1984; Pimenta; Anastasiou, 2014).

O estudo prévio desses referenciais com os estudantes constituiu uma etapa preparatória essencial, correspondente ao momento metodológico de contextualização conceitual da experiência. Buscou-se explicitar que a experiência educativa não se reduz à vivência espontânea ou à percepção cotidiana do mundo, mas exige intencionalidade pedagógica, atenção dirigida e reflexão sistemática, condições necessárias para que a experiência se converta em aprendizagem (Dewey, 1979; Kolb, 1984). Essa compreensão fundamentou a adoção de procedimentos como a observação orientada, a escuta qualificada, os registros de campo e os momentos coletivos de reflexão.

As contribuições de Georg Simmel sustentam metodologicamente a compreensão de que o conhecimento em paisagem não emerge de uma observação neutra da realidade, mas de um processo ativo de síntese perceptiva e interpretativa. Ao compreender a paisagem como uma construção da subjetividade, Simmel demonstra que ela resulta da apreensão unitária de elementos dispersos do mundo, produzida pelo sujeito perceptor (Simmel, 2013). Essa perspectiva fundamentou a opção metodológica por valorizar leituras situadas e plurais dos contextos visitados, reconhecendo a legitimidade da dimensão subjetiva no processo formativo. A sua noção de *stimmung*, entendida como atmosfera ou tonalidade afetiva, reforça pedagogicamente a ideia de que a experiência envolve simultaneamente percepção, emoção e sentido. Para Simmel (2013), a paisagem emerge quando observar e sentir constituem um único ato, inseparável da subjetividade do perceptor. Metodologicamente, essa concepção orientou práticas de imersão prolongada, convivência e atenção às dimensões simbólicas e narrativas da experiência.

De John Dewey (1979), buscamos a concepção de experiência educativa como processo de reconstrução e reorganização do vivido, estruturado em momentos articulados de preparação, vivência e avaliação formativa. Para o autor, a aprendizagem ocorre quando o sujeito participa ativamente do mundo, percebendo relações e continuidades que ampliam sua capacidade de orientar experiências futuras — perspectiva que dialoga diretamente com as noções contemporâneas de metodologias ativas no ensino superior (Pimenta; Anastasiou, 2014).

A noção de método em Dewey, compreendida como modo investigativo de agir e não como aplicação de regras fixas, sustentou a opção por uma metodologia flexível e aberta às contingências do território. Como afirma o autor, a experiência não é uma camada superficial da natureza, mas algo que nela penetra, revelando conexões antes ocultas (Dewey, 1980). Essa perspectiva orientou a valorização da autonomia discente, da redefinição de percursos e da reflexão coletiva como parte constitutiva do processo de aprendizagem.

Essa compreensão da experiência como fundamento da aprendizagem encontra forte ressonância no campo da Educação contemporânea. Para Jorge Larrosa (2002), a experiência formativa ocorre quando algo nos acontece e nos transforma, exigindo atenção, tempo e disposição para a escuta e a reflexão, não se confundindo com o simples acúmulo de vivências. Em chave convergente, Paulo Freire (1996), enfatiza que a educação se constitui como prática reflexiva e ética, na qual o sujeito aprende ao se reconhecer implicado no mundo e responsável por sua transformação.

De modo complementar, Donald Schön (2000), destaca que a aprendizagem profissional se constrói na reflexão sobre a ação, quando o sujeito pensa criticamente o que faz enquanto faz, transformando a prática em fonte de conhecimento. Essas contribuições reforçam a centralidade dos dispositivos reflexivos adotados na disciplina, especialmente os registros de campo e os momentos coletivos de sistematização da experiência.

As contribuições de Tim Ingold (2015), foram mobilizadas para reforçar a dimensão processual, relacional e narrativa do conhecimento em paisagem. Ao destacar a abertura ao mundo, o espanto e a atenção como condições fundamentais da investigação, Ingold problematiza

modelos de conhecimento excessivamente controlados e distanciados da experiência vivida. No contexto da disciplina, essa perspectiva legitimou metodologicamente práticas como o caminhar, a escuta e o acompanhamento dos ritmos do território.

A noção de peregrinação, proposta por Ingold (2015), foi traduzida pedagogicamente como princípio organizador da experiência, ao enfatizar que o conhecimento se constrói no percurso e nas relações estabelecidas, e não apenas nos resultados finais. Essa concepção sustentou a centralidade das narrativas como dispositivos formativos e analíticos. Para Ingold (2021), narrar não é encobrir o mundo, mas orientar a atenção para ele, envolvendo-se perceptivamente com um ambiente carregado de temporalidade e memória.

Em síntese, os referenciais de Simmel, Dewey, Freire, Larrosa, Schön, Kolb e Ingold foram articulados de modo coerente às escolhas metodológicas da disciplina, sustentando uma proposta educativa baseada na experiência, na atenção e na reflexão crítica. Essa articulação conferiu unidade interna ao percurso formativo e permitiu conceber a disciplina como uma estratégia de formação ativa na pós-graduação, orientada ao desenvolvimento de competências investigativas, autonomia intelectual e capacidade analítica, em consonância com os debates contemporâneos sobre metodologias ativas e educação experiencial no ensino superior.

CARACTERIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Conforme destacado anteriormente, a disciplina teve como objetivo central propor uma leitura contemporânea de uma região historicamente relevante do Vale do Jequitinhonha, tomando a experiência educativa como método. A proposta buscou promover reflexões críticas sobre a paisagem, a natureza, o patrimônio, as arquiteturas e a poética vivida pelas comunidades atravessadas, bem como sobre os impactos contemporâneos das atividades minerárias e turísticas nesses territórios. Ao mesmo tempo, visou aprofundar conceitos teóricos relacionados à paisagem a partir da experiência vivida, articulando percepção, narrativa e reflexão crítica.

Como dito anteriormente, foram ofertadas 11 vagas para estudantes regularmente matriculados nos cursos de mestrado, doutorado e estágio pós-doutoral, sendo necessária seleção prévia em função da alta demanda. Os participantes desenvolviam pesquisas em temáticas diversas, tais como patrimônio natural e arquitetônico, paisagem, história da arquitetura e do urbanismo, produção social do espaço, conflitos territoriais e história urbana colonial mineira. A experiência foi conduzida por dois docentes e contou com financiamento do Programa de Excelência Acadêmica da Capes (Proex-Capes), que custeou despesas de hospedagem, alimentação e deslocamento.

A itinerância ocorreu entre os dias 28 de agosto e 3 de setembro de 2023, com saída da cidade-sede do Programa, Belo Horizonte (MG), em direção ao distrito de São Gonçalo do Rio das Pedras, no município do Serro (MG), e retorno ao local de origem ao final do período. A opção pelo deslocamento em dois veículos de pequeno porte, conduzidos pelos docentes, permitiu maior flexibilidade de percurso e a possibilidade de divisão do grupo, conforme as situações encontradas ao longo da viagem.

A própria dinâmica do deslocamento constituiu-se como experiência formativa relevante, uma vez que grande parte dos trajetos ocorreu por estradas rurais em condições precárias, afetadas pelo intenso tráfego de veículos associados à atividade minerária. Essa condição foi amplamente relatada pelos moradores locais e integrou-se às reflexões sobre os impactos territoriais e ambientais da exploração mineral em larga escala.

Caracterização do recorte geográfico da experiência

A experiência ocorreu no recorte geográfico que corresponde ao território do antigo Distrito dos Diamantes, inserido no Alto Vale do Jequitinhonha, região historicamente marcada por sucessivos ciclos de exploração econômica e por profundas desigualdades socioambientais (Figura 1).

Desde o século XVIII, com a mineração de ouro e diamantes, o território foi rigidamente controlado pela Coroa Portuguesa, configurando-se como enclave colonial, o que produziu impactos duradouros na organização social, ambiental e paisagística da região (Galizoni, 2007; Saint-Hilaire, 1975).

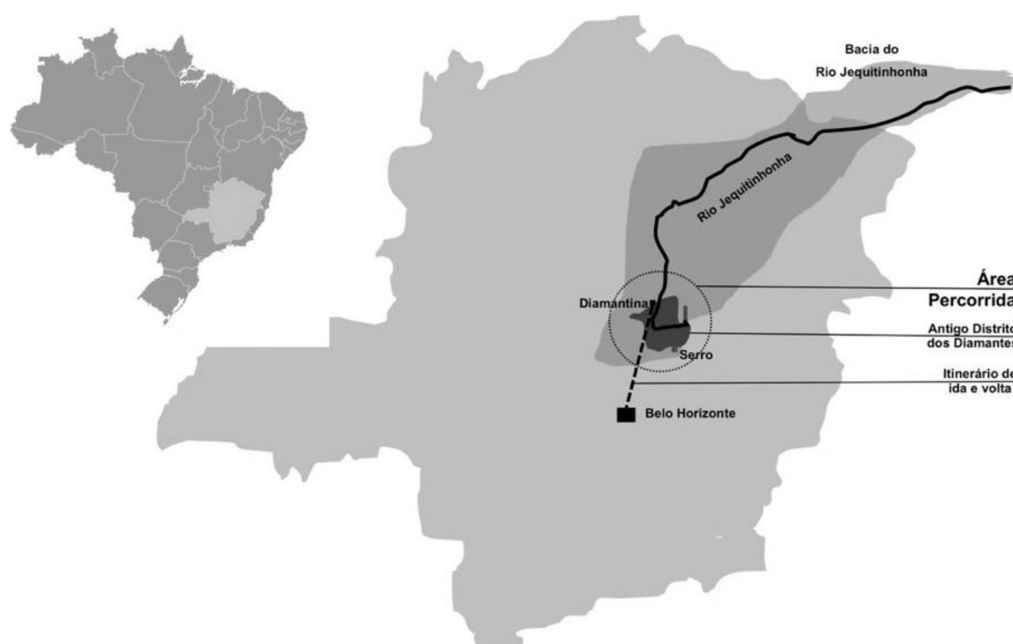


Figura 1. O território das itinerâncias.

Fonte: Elaboração do autor, 2024.

O declínio da mineração, ao final do século XVIII, não foi acompanhado por processos de recuperação ambiental ou redistribuição de riquezas. Ao contrário, consolidou-se um expressivo passivo socioambiental, caracterizado pela degradação dos solos, assoreamento dos cursos d'água, perda de cobertura vegetal e precarização das condições de vida das populações locais, especialmente nas áreas rurais (Galizoni, 2007). No século XX, esse quadro foi agravado por novas dinâmicas econômicas, como a modernização conservadora do campo, a expansão da monocultura do eucalipto e, mais recentemente, a retomada da mineração em larga escala, associada à extração de ferro, quartzito e lítio (Abade, 2023).

Essas atividades provocaram impactos significativos sobre os sistemas hídricos e os aquíferos regionais, intensificando processos de escassez de água e vulnerabilidade climática. Estudos indicam que o Alto Jequitinhonha apresenta elevada fragilidade socioecológica, com riscos crescentes de desertificação e êxodo rural, sobretudo diante das projeções de intensificação de eventos climáticos extremos no semiárido mineiro (Galizoni, 2007).

Paradoxalmente, é nesse contexto adverso que se desenvolveram formas singulares de habitar o território, elaboradas ao longo de gerações pelas comunidades rurais do Alto Jequitinhonha. Quintais produtivos, pomares, técnicas de manejo da água, arquitetura em terra (adobe), organização espacial das moradias e dos espaços coletivos configuram paisagens do habitar baseadas na observação atenta do ambiente, na diversificação produtiva e na adaptação às condições climáticas e ecológicas locais (Galizoni, 2007; Santos, 2022).

Essas paisagens não podem ser compreendidas apenas como respostas funcionais à escassez, mas como construções culturais densas, nas quais se articulam valores simbólicos, memórias coletivas, relações de parentesco e formas de resistência territorial. Trata-se de paisagens resilientes, entendidas como sistemas socioecológicos capazes de aprender, reorganizar-se e transformar-se frente a perturbações ambientais e econômicas.

Durante a itinerância, esse contexto histórico e socioambiental foi continuamente mobilizado como conteúdo formativo, permitindo que os estudantes relacionassem as experiências vividas nos lugares às narrativas históricas, aos conflitos contemporâneos e às práticas cotidianas observadas nas comunidades visitadas. Os encontros com moradores, especialmente em comunidades tradicionais, evidenciaram a centralidade do protagonismo feminino na organização da casa, dos quintais, da produção alimentar e da transmissão de saberes, aspecto amplamente documentado em estudos recentes sobre a região (Martins, 2025).

Além disso, a riqueza cultural do Vale do Jequitinhonha — expressa na culinária, no artesanato, na tapeçaria, na música e nas narrativas orais — constituiu-se como importante dispositivo

pedagógico, favorecendo a compreensão da paisagem como experiência vivida e como narrativa, conforme descrito por autores que abordam o território a partir de perspectivas literárias e artísticas (Claver, 1995; Medeiros, 2008).

Essa contextualização permitiu compreender o território não apenas como cenário da experiência educativa, mas como mediador ativo do processo de aprendizagem, no qual se articulam história, ambiente, cultura e modos de vida. Assim, a caracterização do Vale do Jequitinhonha integrou-se organicamente à proposta pedagógica da disciplina, reforçando a centralidade da experiência territorial como método formativo na pós-graduação.

Estrutura pedagógica

A disciplina foi organizada em três etapas articuladas, conforme apresentado no Quadro 1.

Quadro 1. As etapas da disciplina.

Etapas	Atividades
Seminário de preparação	- o Seminário com a presença de todos os viajantes, em que foram discutidos, previamente, os objetivos da disciplina e sua configuração teórico-metodológica; - o Discussão introdutória dos autores que formam a base conceitual da disciplina; - o Preparação prática do percurso, hospedagem e apresentação sucinta das características dos territórios a serem percorridos;
Realização da disciplina	o Embora tivéssemos um percurso prévio, o que acabou conduzindo a realização da disciplina foram as descobertas das experiências vividas no local e as indicações que surgiram das conversas com moradores. Como decidimos viajar em carros e não microônibus, houve grande flexibilidade de percurso e até mesmo de escolhas: um grupo poderia fazer um roteiro diferente do outro. Ao final do dia, havia um encontro de discussão e sistematização das experiências do dia.
Seminário de avaliação, pós-viagem	Realizou-se um seminário pós-viagem, no qual se fez uma avaliação da disciplina, tanto dos resultados para cada pesquisa, individualmente, quanto no aprendizado de metodologias de pesquisa. Alguns relatos desse seminário estão na discussão dos resultados, à frente.

Fonte: Elaboração do autor.

Já o percurso da itinerância incluiu diferentes localidades, entre elas: São Gonçalo do Rio das Pedras, Milho Verde, Diamantina, Serro, Vila de Biribiri, Sopa, a comunidade quilombola de São João da Chapada, Mendanha e Maria Nunes, como mostrado na Figura 2. O deslocamento entre essas localidades constituiu-se como parte essencial da experiência, possibilitando observações contínuas das paisagens do bioma Cerrado e dos campos de altitude da Serra do Espinhaço, marcados por vales encaixados, riachos e quedas d'água.

Nas itinerâncias, as experiências gastronômicas, os encontros com moradores e as narrativas de vida emergiram como importantes dispositivos de aprendizagem, permitindo aos estudantes compreender aspectos do cotidiano, dos saberes tradicionais, das práticas construtivas e das dinâmicas econômicas locais. Relatos sobre técnicas construtivas em terra, tapeçaria artesanal, modos de vida tradicionais e conflitos associados à exploração econômica foram incorporados às reflexões coletivas realizadas ao longo da disciplina.

A partir das experiências vividas nos diferentes locais, foram discutidos temas como patrimônio e paisagem, processos de gentrificação, impactos da mineração e do turismo, preservação de saberes tradicionais, técnicas construtivas vernáculos, narrativas paisagísticas e experiências estéticas da natureza. O Quadro 2 sistematiza as localidades visitadas e os respectivos eixos formativos mobilizados.

Acompanhamento pedagógico e avaliação formativa

No seminário de avaliação pós-viagem, os estudantes foram convidados a identificar os principais aprendizados decorrentes da experiência. As respostas foram sistematizadas

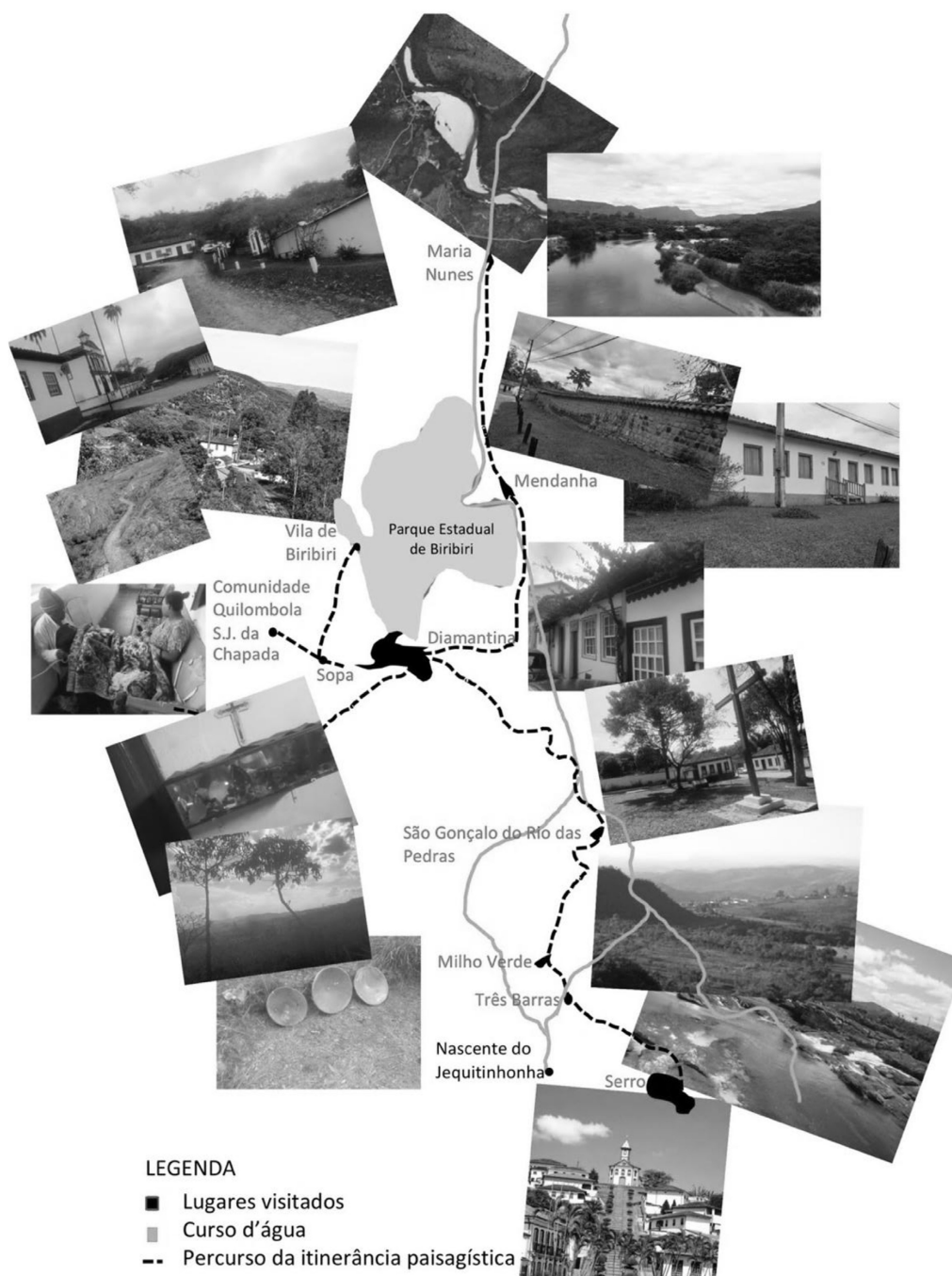


Figura 2. Percurso ilustrado da viagem.

Fonte: Elaboração do autor, 2024.

em três categorias: ganhos culturais, ganhos metodológicos e ganhos teóricos. Os ganhos culturais concentraram a maior parte das respostas (47,5%), seguidos pelos ganhos metodológicos (30,0%) e teóricos (22,5%). Essa distribuição evidencia a centralidade da experiência vivida como base para a construção do conhecimento, confirmando que as dimensões cultural, metodológica e teórica operam de forma integrada no processo formativo.

O acompanhamento pedagógico ocorreu de forma processual, por meio da observação participante dos docentes, do diálogo constante com os estudantes e da análise dos registros produzidos ao longo da experiência. A avaliação teve caráter formativo, considerando a participação nas atividades, a qualidade das reflexões compartilhadas e a capacidade de articular a experiência vivida aos referenciais teóricos discutidos.

Quadro 2. Relação das localidades visitadas e eixos formativos mobilizados.

Localidades e suas temáticas	Contextualização do território	Eixos formativos
São Gonçalo do Rio das Pedras e Milho Verde: Arte, cinema e paisagem; Gentrificação e transformações socioterritoriais; Técnicas construtivas tradicionais.	Núcleos históricos da mineração colonial, hoje marcados por processos de turistificação e reconfiguração social.	Leitura crítica do patrimônio arquitetônico e paisagístico.
Diamantina e Serro: Impactos socioespaciais de atividades econômicas; Paisagem urbana e justiça social.	Cidades patrimoniais submetidas a pressões do turismo, da expansão urbana e da mineração.	Políticas de preservação e de uso do patrimônio.
Vila de Biribiri: Caminhada/peregrinação como aprendizagem; Reconversão de patrimônio industrial e conservação Ambiental.	Está situado dentro de uma Unidade Estadual de Conservação; Antigo complexo fabril em Unidade de Conservação, requalificado para uso turístico.	A experiência estética da natureza e da paisagem;
Sopa e Comunidade Quilombola São João da Chapada: Saberes tradicionais e arquitetura da terra; Educação patrimonial comunitária; Desigualdades e exploração do trabalho.	Comunidades rurais e quilombolas com modos de vida tradicionais e forte vínculo territorial.	Escuta qualificada e narrativa
Mendanha e Maria Nunes: Saberes ribeirinhos; Observação sensível e narrativa do território.	Distritos ribeirinhos estruturados pela presença do rio Jequitinhonha.	Paisagem fluvial como mediação educativa.

Fonte: Elaboração do autor, 2024.

ANÁLISE REFLEXIVA DA EXPERIÊNCIA

A análise da experiência evidencia que a itinerância territorial, quando concebida como estratégia pedagógica intencional, produz efeitos formativos que ultrapassam a dimensão informativa ou ilustrativa do ensino. Os dados sistematizados a partir do seminário avaliativo indicam que os estudantes atribuíram maior relevância aos ganhos culturais, seguidos dos ganhos metodológicos e teóricos, o que revela a centralidade da experiência vivida no processo de aprendizagem.

No plano cultural, o contato com o território do Vale do Jequitinhonha favoreceu a ampliação do repertório sociocultural dos participantes e a problematização de realidades historicamente invisibilizadas no contexto da formação acadêmica urbana. Esse deslocamento espacial e simbólico contribuiu para o desenvolvimento de uma postura investigativa mais sensível às dimensões éticas, sociais e territoriais do conhecimento.

No que se refere aos ganhos metodológicos, destacaram-se aprendizagens relacionadas à escuta qualificada, à observação atenta e à construção narrativa como recurso analítico. Tais competências são particularmente relevantes na formação de pesquisadores e docentes, pois ampliam a capacidade de articular empiria e reflexão teórica, favorecendo abordagens qualitativas no campo educacional.

Os ganhos teóricos, embora menos numerosos, revelaram-se mais densos, uma vez que os conceitos previamente trabalhados em sala de aula puderam ser ressignificados a partir da experiência concreta. A vivência territorial operou, assim, como mediadora da aprendizagem conceitual, corroborando pressupostos da educação experiencial segundo os quais a compreensão teórica se aprofunda quando vinculada à ação e à reflexão.

CONCLUSÃO

Este artigo analisou uma experiência educativa desenvolvida na pós-graduação *stricto sensu*, caracterizada como relato de experiência de natureza qualitativa, cujo objetivo foi examinar a estrutura pedagógica, a condução metodológica e os resultados formativos de uma disciplina baseada na experiência territorial orientada como estratégia de ensino. Ao situar a proposta no campo da educação superior, buscou-se contribuir para o debate sobre metodologias ativas e práticas pedagógicas capazes de articular teoria, prática e reflexão crítica.

No que se refere à estruturação pedagógica e metodológica, a experiência foi organizada de modo intencional, articulando preparação conceitual, vivência territorial e avaliação formativa. A integração entre observação participante, registros de campo e momentos sistemáticos de reflexão coletiva permitiu que a experiência vivida se constituísse como situação educativa, e não como atividade meramente ilustrativa.

Quanto aos resultados formativos, a sistematização das avaliações discentes evidenciou ganhos expressivos nas dimensões cultural, metodológica e teórica. O contato com realidades territoriais historicamente pouco conhecidas favoreceu experiências de alteridade e ampliou o repertório sociocultural dos estudantes, enquanto os ganhos metodológicos indicaram o desenvolvimento de competências relacionadas à escuta qualificada, à observação atenta, à construção narrativa e à articulação entre empiria e reflexão teórica. Os ganhos teóricos, por sua vez, mostraram-se associados à ressignificação de conceitos previamente discutidos, aprofundados a partir da experiência concreta.

De modo geral, a experiência analisada confirma que práticas pedagógicas baseadas na experiência, quando acompanhadas de dispositivos reflexivos sistemáticos, contribuem para aprendizagens mais significativas na pós-graduação, especialmente em contextos interdisciplinares e na formação de pesquisadores e docentes.

REFERÊNCIAS

- Abade, G. A. **Território e práticas das comunidades agricultoras no Vale do Jequitinhonha**. 2023. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2023.
- Claver, R. **Nas águas do Jequitinhonha: violência da paisagem**. Belo Horizonte: Mazza, 1995.
- Dewey, J. **Experiência e educação**. Tradução Anísio Teixeira. São Paulo: Nacional, 1979.
- Dewey, J. **Experiência e natureza**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- Freire, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- Galizoni, F. M. **A terra construída: família, trabalho e ambiente no Alto Jequitinhonha**. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2007.
- Ingold, T. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis: Vozes, 2015.
- INGOLD, T. A temporalidade da paisagem. In: BESSA, A. S. M. (org.). **A unidade múltipla: ensaios sobre a paisagem**. Belo Horizonte: Editora NPGAU, 2021.
- Kolb, D. A. **Experiential learning: experience as the source of learning and development**. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1984.
- Larrosa, J. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Rio de Janeiro: Autêntica, 2002.
- Martins, M. L. **No fundo do mundo as rosas: histórias femininas do Espinhaço**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2025.
- Medeiros, G. **Procissão das águas mortas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- Pimenta, S. G.; Anastasiou, L. G. C. **Docência no ensino superior**. São Paulo: Cortez, 2014.
- Saint-Hilaire, A. **Viagem ao distrito dos diamantes e litoral do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.
- Santos, M. **Memórias e saberes construtivos tradicionais quilombolas no Vale do Jequitinhonha**. 2022. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.

Schön, D. A. **Educando o profissional reflexivo**: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2000.

Simmel, G. A filosofia da paisagem. *In*: Serrão, A. V. (org.). **Filosofia da paisagem**: uma antologia. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2013. p. 41-51.

Editor: Prof. Dr. José Luís Bizelli

Editor Adjunto Executivo: Profa. Dra. Flavia Maria Uehara